

Trocas e olhares



Arte para formar e transformar



*A arte e nada mais que a arte!
Ela é a grande possibilitadora da vida,
a grande aliciadora da vida,
o grande estimulante da vida.*

Friedrich Nietzsche

A experiência estética abre inúmeras possibilidades para conhecer e transformar a si mesmo e ao mundo. Para além dos aspectos históricos e culturais da produção artística, a aproximação com esse campo deve considerar as variadas formas de expressão como força motriz para o desenvolvimento sensível e crítico das sociedades livres. Ao lado da arte, a educação ocupa posição fundante nesse processo, reunindo diversos atores e estratégias em prol de práticas transformadoras.

Com a perspectiva de congregar conceitos sobre arte e educação, o Sesc tem promovido, ao longo dos anos, o estreitamento do vínculo com as instituições formais de ensino, seja pela oferta de programações voltadas especialmente aos estudantes, seja pela criação de ações dedicadas aos profissionais da área. Dando sequência a esse caminho, a entidade lança agora um projeto regular de formação de professores em artes visuais, a partir da criação de um material gráfico que poderá ser utilizado como recurso pedagógico em sala de aula. A publicação apresenta recortes curatoriais do Acervo Sesc de Arte Brasileira, conferindo visibilidade a um patrimônio composto por obras produzidas nos mais diversos suportes e técnicas, que evidenciam artistas brasileiros de diferentes períodos.

São abordadas questões inerentes às artes visuais – a fruição, os fazeres, os códigos e procedimentos próprios da linguagem –, bem como os distintos contextos nos quais as obras e artistas estão inseridos. Seguindo o propósito de identificar e contornar barreiras que inibem o envolvimento de pessoas com deficiência com o campo das artes, a iniciativa busca tematizar, também, discussões relacionadas à acessibilidade e às possibilidades de trabalho em ambiente escolar considerando todos os públicos.

Ao apoiar os profissionais da rede de ensino, de maneira sistemática e processual, o Sesc fortalece sua ação socioeducativa, tendo em vista a ampliação da capacidade dos indivíduos em apreenderem o mundo e o papel que nele ocupam.

Sesc São Paulo

Apresentação

Não é de hoje que museus e instituições culturais desempenham um papel significativo na formação de educadores em artes visuais no Brasil. Apenas para citar um exemplo, aquela que é possivelmente a proposta para o ensino de arte brasileira mais conhecida, a Abordagem Triangular, desenvolvida pela arte/educadora Ana Mae Barbosa, teve como berço um museu¹. Na cidade de São Paulo, muitas instituições culturais desenvolvem importantes programas de formação de educadores, ao oferecerem materiais pedagógicos para seus participantes e manterem seus acervos e exposições temporárias como conteúdos privilegiados; o Sesc São Paulo orgulha-se de fazer parte de todo esse movimento.

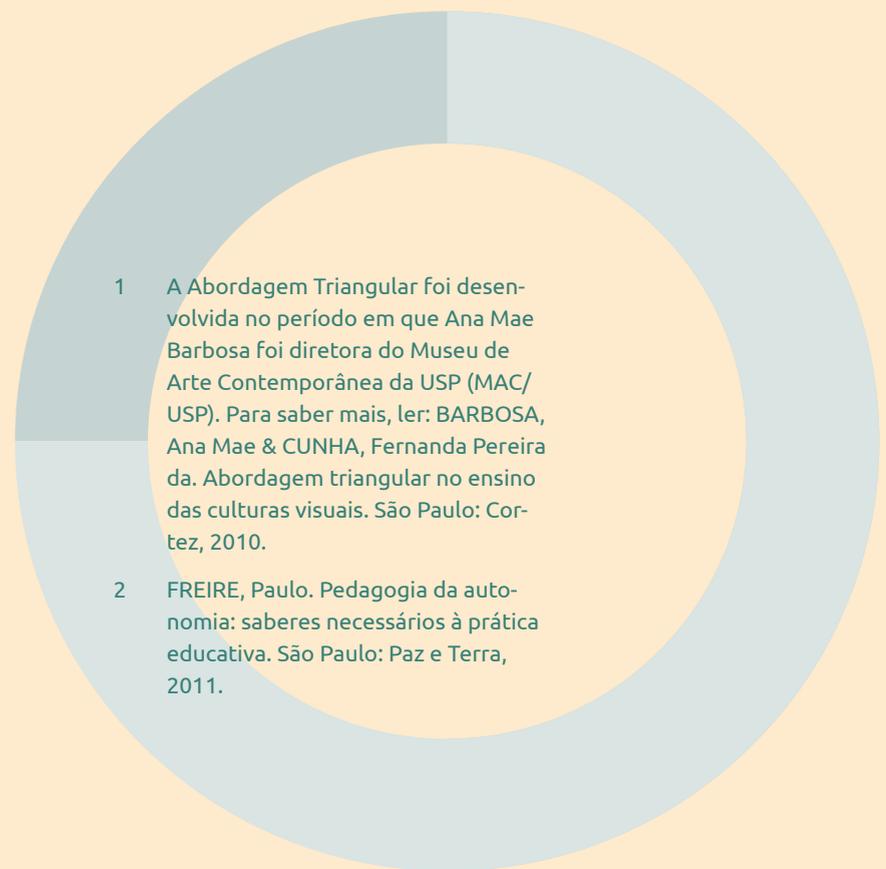
Trocas e Olhares é a primeira edição de um programa de formação em artes visuais com base em um patrimônio da instituição: o Acervo Sesc de Arte Brasileira. O programa é abrangente e foi pensado para educadores de áreas e formações diversas. Este material pedagógico, dividido em três encartes, textos complementares e imagens impressas, apresenta um pouco da diversidade do conjunto de obras do acervo por meio de recortes curatoriais, tendo como base um elemento fundamental à mediação cultural e à educação contemporânea: o diálogo.

Aqui, temos três conversas sobre obras do acervo, sendo duas entre um adulto (no papel de educador) e uma criança e outra entre dois adultos (ambos educadores). Esses textos são baseados em conversas reais e buscam, com leveza, informar e, principalmente, inspirar e provocar outros educadores para a vivência de experiências estéticas de mediação junto a obras de artes visuais. Ações presenciais de formação, em diferentes formatos e unidades do Sesc São Paulo compõem o programa.

A principal referência educacional para este material é o pensamento de Paulo Freire², em consonância com outros pensamentos sobre educação como diálogo. Aliás, o próprio Freire entendia a leitura como um processo dialogal, então, fica o convite às leitoras e aos leitores:

Vamos trocar olhares?

Erick Orloski
Arte/educador



- 1 A Abordagem Triangular foi desenvolvida no período em que Ana Mae Barbosa foi diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC/USP). Para saber mais, ler: BARBOSA, Ana Mae & CUNHA, Fernanda Pereira da. Abordagem triangular no ensino das culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.
- 2 FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

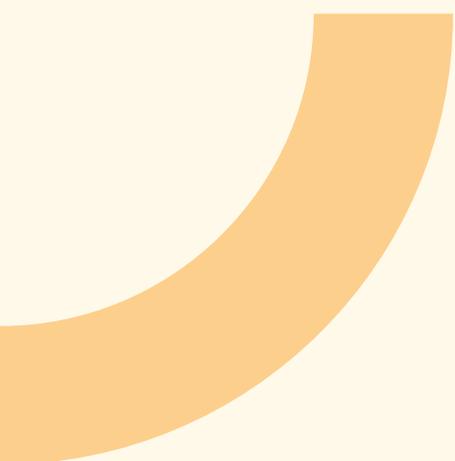
Detalhes

Entre as peças que compõem esse material, está um conjunto de cartões hexagonais com detalhes das 24 obras presentes na edição Trocas e Olhares.

Acreditamos na importância de visualizar os detalhes das obras, pois complementam e potencializam suas possíveis leituras, já que nem sempre é possível a experiência presencial junto das obras.

O conjunto de cartões deve funcionar como uma ferramenta extra para que os educadores desenvolvam suas próprias ações de mediação, em função de seus contextos específicos. Além do uso individual de cada cartão – para localizar o detalhe na imagem da obra completa, por exemplo – o conjunto permite formar um grande mosaico de imagens, com inúmeras combinações e poderá desdobrar-se em possíveis jogos e atividades, a serem criados pelos educadores, preferencialmente junto de seus educandos.

Conversas sobre Acessibilidade



A escolha de um artista ou de uma obra para desenvolver um trabalho em arte/educação é muito significativa, principalmente no que se refere a uma proposta acessível. A inclusão de alunos com deficiência é uma realidade nas escolas regulares e os educadores, além de outros profissionais, precisam estar atentos, munidos de apoio e formação.

O diálogo a seguir teve participação da artista e educadora Karen Montija, e dos educadores parceiros de trabalho e pesquisa Camila Alves, que é cega, e Bruno Ramos, que é surdo. O registro dessa conversa ilustra, de maneira intencional, como é possível propor um trabalho de mediação acessível. Nesse sentido, o primeiro passo, inclusive, é dar voz à pessoa com deficiência, pois é ela que pode nos trazer as soluções e possibilidades neste caminho da educação.

Para iniciar esta conversa com Camila, foi escolhida uma obra que chamou a atenção por sua técnica performática: impressões de língua embebida em tinta para carimbo sobre papel. Trata-se da obra “Poema Linguístico”, de Paulo Bruscky.

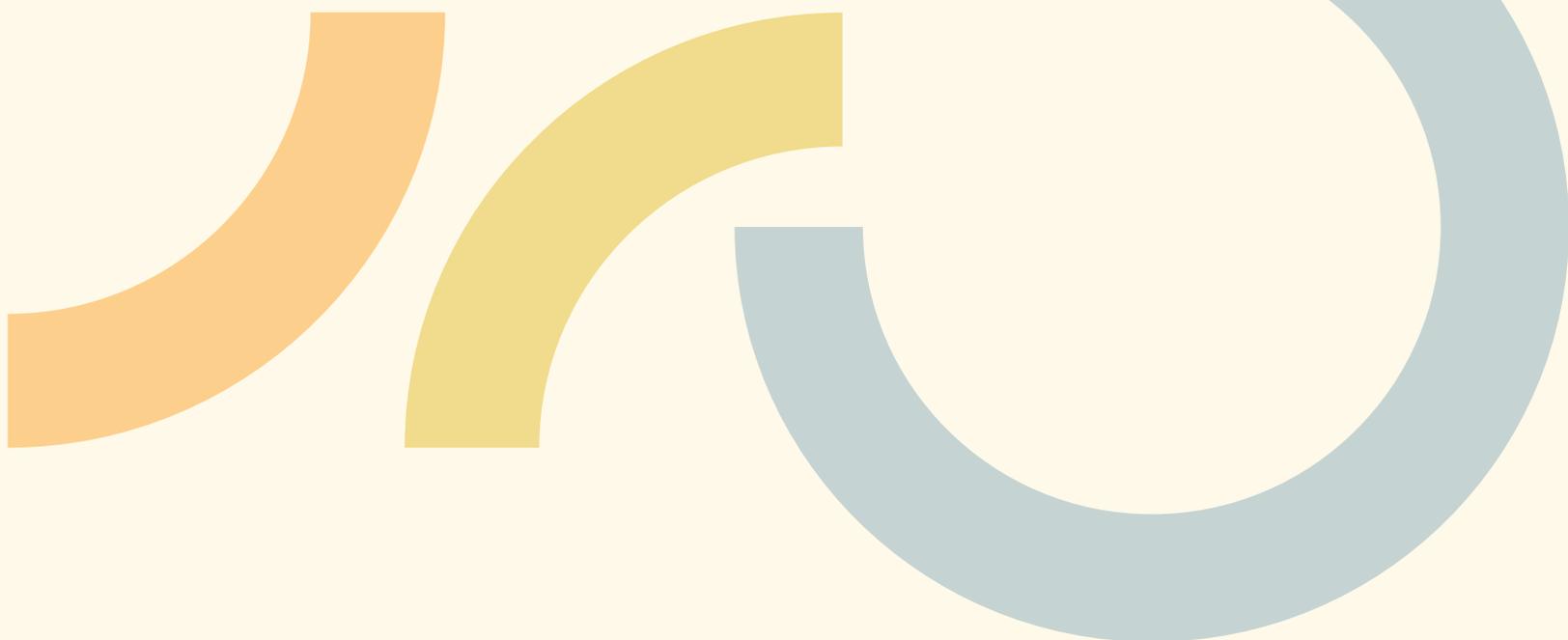
K: Camila, o que você destacaria na escolha dessa obra para se trabalhar em sala de aula com os mais variados perfis de estudantes?

C: Essa obra tem potência para a mediação, pois utiliza o corpo de outra maneira. Da maneira apresentada por Bruscky, é o corpo e a tinta que fazem a poesia e não colocamos a visão como sentido principal.

K: Diante dessa obra, ocorreu-me uma proposta de experimentação desse processo junto aos alunos utilizando tinta comestível.

C: Isso fará com que o aluno saia do estado de apenas contemplação e produza de maneira criativa. O interessante é o professor oferecer os materiais, não propondo o “refazer” da obra, mas sim o “recriar” a partir dela. Aceitar a reinvenção é um elemento importante. Esta obra de Bruscky convida o cego a aprender com o seu corpo. Do contrário, sempre ficamos dependendo da percepção do outro.

K: Interessante pensar em trazer para a aula o fato de Bruscky ser um



artista que explora as possibilidades criativas. Outros espaços, outros materiais e até mesmo o corpo. Desta forma, sugerimos que o professor considere o artista e o conteúdo para escolher com qual obra quer trabalhar em sala de aula.

C: Não são todas as obras que possibilitam uma experiência como esta, mas existem diversos artistas que trazem o corpo e outros sentidos para participar e não apenas contemplar. Por que não utilizar em sala de aula artistas que já trazem estes pontos que destacamos como elementos do próprio trabalho? O que propomos aqui são escolhas que agreguem todos os alunos.

K: Para aqueles professores que irão trabalhar uma obra mais clássica, uma pintura, gravura, fotografia, que já não têm tantos aspectos sensoriais e corporais como você disse anteriormente, por onde poderiam começar?

C: Puxando as histórias, os contextos, movimentos artísticos, transpondo seus principais conceitos em materiais táteis, sonoros, olfativos. Por exemplo, se for trabalhar com a obra de Pablo Picasso, nos interessaria um jogo de formas humanas que traria os conceitos e as distorções que o artista compunha.

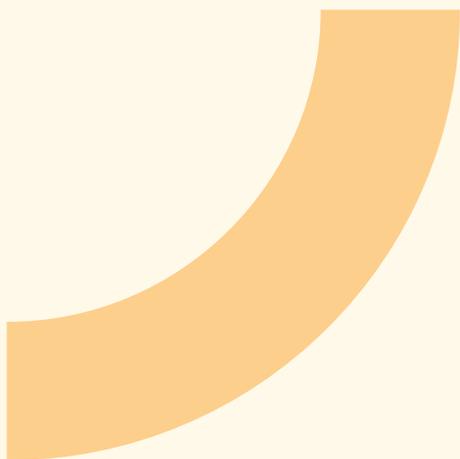
K: Dentro deste assunto de mediar pinturas, fotografias, gravuras, e considerando seu contexto e conteúdo, sou levada a outra obra do acervo do Sesc, **“Coco de roda”, do artista e cordelista brasileiro J. Borges**. Essa xilogravura traz no próprio nome sua situação e história.

C: Vamos ler cordel em aula! Vamos fazer uma roda de coco! Entender porque tem uma pessoa na roda que puxa o canto e outro que responde. Vamos falar de instrumentos musicais, poesia!.

K: Gostaria de destacar uma última coisa que talvez resuma toda nossa conversa. Certa vez você me disse: “Uma obra de arte não é apenas sobre aspectos visuais.”

C: Não, não é. A maioria das pessoas acha que apenas a visão é fundamental. E toda vez que um professor acredita nisso e leva para a sala de aula, ele está deixando de lado outras séries de possibilidades para as crianças como um todo e principalmente para a criança cega. Não devemos destacar o que a estudante não tem, mas sim trabalhar com o que ele tem, e isso já é mais que suficiente.





Dessa vez, a conversa continua com outro educador, o Bruno. Juntos, eles escolhem uma obra que chamou atenção por sua composição. Conversam sobre a instalação escultórica de Efrain Almeida.

K: Por que você escolheu essa obra, Bruno?

B: Eu sou surdo e trago comigo minha história. Quando eu olho essa obra tenho a sensação de angústia, fico preocupado. Tem algo errado. O bico do passarinho é por onde ele canta, se comunica, por onde ele come, como ele chega na flor. Essa parede surge de surpresa no meio do voo do beija-flor! Ele não consegue mais seguir.

K: Você já se sentiu como este passarinho? Queria se comunicar, mas encontrou uma barreira?

B: Sim. Quando eu ainda era criança a sociedade era muito mais difícil, agora está um pouco melhor, mas antes não se tinha tanta liberdade pra Libras¹. Eu tinha muita dificuldade na fala. Eu me sentia como esse passarinho, cheio de barreiras, eu não podia sair voando livremente porque sempre tinha uma barreira na minha comunicação.

K: Por isso, é muito importante o estudo e ensino de Libras para os professores.

B: Essa barreira que falamos pode ser também do próprio professor, não apenas do estudante. O professor ouvinte precisa ter estrutura e aprender Libras. Ou precisamos ter um professor surdo dando aula junto. Assim estudante e professor trocam saberes. Um ajuda o outro.

K: E quanto ao vocabulário de Artes? Sabemos que a Libras ainda não é completa com relação à linguagem das artes.

B: Nós surdos perguntamos: quem criou o vocabulário? A língua não é criada como uma poção mágica. A língua nunca está pronta. E todos juntos devemos ampliar o vocabulário. É como acontece com os pássaros. Cada um tem o seu canto, sua forma de se comunicar. Com o ser humano é igual. Somos surdos, mas temos alma, não somos “coitados”, a convivência e a experiência nos permite criar e nos comunicar e é por isso que a Libras precisa ser cada vez mais ensinada e difundida. O termo “surdo-mudo” por exemplo, não deveria existir, porque surdo fala, fala em Libras, mas fala sim!

Karen Montija, Artista Visual, Fotógrafa, Professora, Pesquisadora de Objetos Mediadores, Coordenadora Pedagógica do Programa CCBB Educativo de São Paulo e de Brasília pela Sapoti Projetos Culturais

Camila Alves, Psicóloga Clínica e Terapeuta Corporal, Mestre em Acessibilidade, Coordenadora Pedagógica do Programa CCBB Educativo do Rio de Janeiro pela Sapoti Projetos Culturais

Bruno Ramos, Pedagogo, Formado em Letras/Libras, Pós-Graduando em Libras, educador do Programa CCBB Educativo São Paulo pela Sapoti Projetos Culturais

1 A LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais, é efetivamente uma língua, que possui uma estrutura gramatical própria, como uma forma de comunicação entre os deficientes auditivos, a partir movimentos específicos realizados pelas mãos. Tendo em vista que cada país possui a sua própria língua, o mesmo se dá na Língua de Sinais, com variações de acordo com cada lugar. Foi estabelecida no Brasil com a Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2012a), como a segunda língua oficial do país.

(Fonte: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/cotidiano/libras-o-que-significa/47425>. Acesso em: 18.maio.2017)



SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDÊNCIAS

Técnico-Social Joel Naimayer Padula **Comunicação Social** Ivan Giannini
Administração Luiz Deoclécio Massaro Galina **Assessoria Técnica e de Planejamento** Sérgio José Battistelli

GERÊNCIAS

Artes Visuais e Tecnologia Juliana Braga de Mattos **Adjunta** Nilva Luz
Assistentes Fabiana Delboni, Julieta Machado, Leonardo Borges e Kelly Teixeira **Estudos e Desenvolvimento** Marta Raquel Colabone **Adjunto** Iã Paulo Ribeiro **Assistente** Daniel Douek **Artes Gráficas** Hélcio Magalhães **Adjunta** Karina Musumeci **Assistentes** Rogério Ianelli e Érica Dias

Sesc Bauru Celina Tamashiro **Adjunto** Jorge Luís Moreira **Programação** Maria Denise Ferreira Leite (coordenação), Elisangela da Silva Pimenta e Fabiana Della Coletta **Sesc Belenzinho** Marina Avilez **Adjunto** Fábio Luiz Vasconcelos **Programação** Salete dos Anjos (coordenação), Regina Marques (supervisão), Edison Eugênio de Moraes Junior e Vanessa Oliveira dos Santos de Paula **Sesc Bom Retiro** Mônica Machado **Adjunto** José Henrique Coelho **Programação** Juliano Campos de Azevedo (coordenação), Bárbara do Nascimento e Michael Anielewicz **Sesc Taubaté** Eliana Ribeiro **Adjunto** Bruno Bolini Tadeucci **Programação** Ana Flávia Miranda (coordenação), Renata Mesquita Ribeiro e Bruna Bastos

TROCAS E OLHARES

Idealização Kelly Teixeira **Concepção e Desenvolvimento** Arteducação Produções **Coordenação, Curadoria e Textos** Erick Orloski **Produção** Edna Yumi Onodera **Consultoria e Textos** Christiane Coutinho e Heitor Coutinho Orloski **Texto Acessibilidade** Karen Montija, Camila Alves e Bruno Ramos **Revisão de texto** Ana Amália Alves **Fotografias** Everton Ballardín e Matheus José Maria **Projeto Gráfico** Cláudia Gil

Sesc São Paulo
Av. Álvaro Ramos, 991
CEP 03331-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 2607 8000
sescsp@sescsp.org.br
sescsp.org.br

